

GROSSI, Miriam Pillar. *Vítimas ou Cúmplices? Dos diferentes caminhos da produção acadêmica sobre violência contra a mulher no Brasil*. Apresentado no XV Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu (MG), 15 a 18 de outubro de 1991. (mimeo).

_____. Lutas feministas, violência conjugal e novas violências contra as mulheres no Brasil. In: *Seminário Violência Contra a Mulher. IV Conferência Mundial sobre a Mulher*. São Paulo: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1994. (mimeo).

HERMANN, Jacqueline; BARSTED, Leila Linhares (1995) *O Judiciário e a violência contra a mulher: a ordem legal e a (des) ordem familiar*. Rio de Janeiro: Cadernos CEPIA (Cidadania, Estudo, Informação e Ação).

NEVES, Magda de Almeida (2000) Reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero. In: *Trabalho e gênero. Mudanças, permanências e desafios*. (ORG.) ROCHA, Maria Isabel Baltar da. SP: Editora 34.

NARRATIVAS SOBRE BELÉM (PA): PAISAGENS URBANAS, MEMÓRIAS E VISAGENS NO DISTRITO DE ICOARACI

Flávio Leonel Abreu da Silveira
Pedro Paulo de Miranda A. Soares
Faculdade de Ciências Sociais/UFPA

OS NARRADORES E AS PAISAGENS URBANAS DE ICOARACI

De acordo com Tavares (1999, 208-9), as origens de Icoaraci remontam ao ano de 1762, período no qual:

A fazenda Pinheiros, denominação original da Vila de Icoaraci, foi comprada pelo senhor Antonio Gomes do Amaral, que antes de falecer a doou ao Convento de Nossa Senhora do Monte Carmo, e em 13 de julho de 1824, esta passou para a Ordem dos Frades Carmelitas Calçados, que já possuía a Fazenda 'Livramento', de onde retiravam argila para a olaria.

Mais tarde, “as duas fazendas foram unidas, expandindo a área territorial, que passou a ser delimitada do Igarapé do Paracuri às margens do furo do Maguari, mais especificamente à área denominada atualmente ‘pontão do Cruzeiro’”.

O Distrito de Icoaraci dista cerca de 18 km do centro de Belém e representa um dos adensamentos populacionais mais importantes do município. A região é banhada pela baía do Guajará, constituindo-se, assim, de um conjunto de paisagens que mesclam o urbano e o rural, associando o espaço construído e intensamente modificado pela ação humana com o passar dos anos à presença de matas, igarapés, furos e ilhas relacionadas à paisagem fluvial.

Há no local, portanto, a convivência complexa e mais ou menos tensional entre uma modernidade oriunda da experiência civilizacional vinculada à *Belle Époque* amazônica (DAOU, 2000; SARGES, 2002), com seus desdobramentos ao longo do tempo, representados pelas inovações e facilidades oriundas da vida citadina (infra-estruturas urbanas, bancos e estabelecimentos

comerciais, áreas de lazer, bares e restaurantes, presença de turistas, entre outras) e formas tradicionais de sociabilidade (festejos e folguedos, relações de vizinhança que animam a vida nos bairros, conversas de rua junto ao portão das moradias, boi-bumbá, cordões de pássaros); de expressões da religiosidade (círio, romarias, festas de santos) e de formas de labuta consubstanciadas nas profissões tradicionais presentes no local (oleiro, sapateiro, barbeiro, marceneiro, alfaiate, artesão, pescador, entre outras), revelando a dinâmica da vida urbana dada no jogo existente entre permanência e mudança no corpo das paisagens de pertencimento.

As narrativas dos velhos contadores de histórias presentes no contexto icoaraciense revelam por meio de suas memórias a dinâmica de transformação de seus lugares vívidos, na medida em que as mesmas trazem à tona aspectos relativos às mudanças ocorridas nas paisagens de outrora ante a configuração de novos espaços urbanos na cidade de Belém.

Durante uma conversa sobre Icoaraci, seu Jorge (70 anos), barbeiro desde os 19 anos de idade e ainda atuante no Distrito, mencionou o seguinte: “isso aqui tudo era mato aqui, né. Asfalto ninguém sabia nem o que era! Asfalto veio surgir já de uns anos pra cá mais ou menos, anos 40”. Ainda, segundo o senhor, a iluminação pública chegou ao distrito “no ano, mais ou menos, deveria ser nos anos 40; 50. Por aí, né... É, nos anos 50, já, que melhorou a luz!”

Seu Gildo (69 anos), o cunhado de seu Jorge, ao ser indagado se Icoaraci havia mudado muito, respondeu:

Foi, mudou muito, num tinha esse negócio de supermercado. Era só merceariazinha aqui, acolá, viu? E...e era assim. E num tinha ilumina... e gastava mais era querosene pa colocar na lamparina, não tinha luz elétrica! Lá em casa não tinha luz elétrica, era lamparina... candieiro, lamparina, era isso... É, na rua, quer dizer, que quando eu me entendi já tinha luz elétrica, já, os mais antigos de que eu, meus irmãos mais velhos, eles alcançaram, que tinha nos postes os lampião que era de... de óleo... é, óleo... e querosene, é... num sei... Era tipo uma lamparina grande, colocava nos postes pa iluminar, pra num ficar completamente escuro. Então era isso.

Seu Gildo afirmou ser a região de Icoaraci bastante florestada, uma vez que “tinha mato”, inclusive “tinha, tinha umas... umas paca, todos os animaizinho... É, cobra... tinha que ter cuidado cas cobra, era!” (risos). De acordo com ele, “num tinha muita casa era pouca casa que tinha, as rua era de chão”.

Na opinião de seu Gildo, o Distrito de Icoaraci revelava-se um lugar pacato no tempo em que era criança, pois “era mais simples, era mais, era casa de madeira... viu? Casa de inchimento, de inchimento, é, barro. Pessoa faz aqueles gradio assim e tapa de barro, vai inchendo... coberto com palha, as veze era telha”.

No momento em que refletia sobre o fato de ter nascido em Icoaraci, seu Jorge comentou sobre as antigas moradias:

Segundo meus pais, nasci na travessa Santa Rosa entre sexta rua e sétima. Meu pai tinha uma casa lá e tinha outra aqui. Chamavam nessa época barraca, as casa tudo era barraca, barraca era assim, coberta de palha... quando era rapaz, assim... barraca. É, não, por aqui era muito, muito dessas casa... Só que a nossa não era, tinha umas que faziam com aquele barro, né! Barro, é, aí punha a palha em cima. A nossa era de madeira, era bem aqui no meio... Só uma, depois de tempo foi que ele morreu que nós dividimo, esse pedaço é meu o outro é da minha irmã... Quando a pessoa tinha casa de madeira coberta de telha: ‘É, esse cara deve ter engenheiro’ (risos)... É, era ruim pra arrumar assim. Meu pai era telheiro, nossa casa era de, coberta de palha, depois foi negociando com o rapaz que fazia... isso melhorou muito, né, do meu tempo melhorou muito!

E continuou:

É, era, aí na, onde é a academia Paulo Mendes, aí. Tinha uma senhora, eu não sei se ela era cearense, chamavam dona Chiquinha, antes de vir esse pessoal do Paulo Mendes ela plantava roça. E, mermo quando chegou, também parece que a mãe da Tereza aí, ainda plantava roça. O nosso terreno aqui era muito, tinha muito açazeiro... Era, muito açazeiro, muito açai. Agora não, que ele ficou pequeno, mas o meu... Num sei se você já foi, no meu terreno tinha, plantei aí um bocado de árvore, aí uma por cima da outra, meio desorganizado, mas tem ainda as plantas, né. Era açazeiro. Quando

chegava da olaria, assim, minha vó tinha oitenta e cinco anos, mas era forte! A mãe da minha mãe, aí:
 ‘-Vamo tomar açaí?’
 ‘- Vamo!’
 ‘- A senhora amassa, vó?’
 ‘- Amasso!’
 Era amassado com a mão no alguidar de barro, é!
 ‘- Deixa que eu compro charque!’
 Não, não era charque, era jabá! Agora que chamam charque, né.
 ‘-Deixa que eu compro jabá!’

Conforme seu Jorge, algumas pessoas da comunidade mantinham roças para o sustento familiar, como fica claro em sua fala ao lembrar períodos passados. Em sua narrativa, ele demonstra parte da dinâmica de ocupação do Distrito, estando a mesma relacionada à migração de nordestinos e, talvez, de pessoas oriundas de outras localidades do Pará. Ao mesmo tempo, ele reflete sobre a própria composição do pomar existente no quintal de sua casa mediante a configuração de uma paisagem doméstica, onde as memórias de sua avó mesclam-se com hábitos alimentares.

Noutro momento, ao mencionarmos a balneabilidade na área do Pontão do Cruzeiro – espaço com forte apelo turístico no Distrito –, seu Gildo argumentou o seguinte: “Era vala grande pra escoar a água, num tinha essa contaminação como tem aí no Cruzeiro, ouviu! A, a pessoa tomava banho, bem que a água era limpa, tinha igarapé pr’alí, tudo isso... Agora, num tinha essa movimentação agora como tem, né... Era pouco”.

Quanto ao trabalho dos pescadores, seu Gildo ofereceu-nos uma imagem da fartura de peixes em Icoaraci no período em que era jovem:

Tinha, tinha uns pescadores aqui: bolacheira, umas canoa grande pescavam aí pro alto mar, pra cima de Mosqueiro. Então, eles traziam, não tinha esse negócio de peixe de gelo. Só era peixe fresco, peixe da maré. Saíam de noite; de tarde; no outro dia eles apareciam. Era gurijuba, era filhote, era peixe, como é? ... Piraíba! Tinha peixe, sem mentira nenhuma, tinha quase 2 m de comprimento, grosso, vinha dois homem colocavam no varal levar pro mercado pra poder cortar, muito peixe! O

peçoal, o salário era pouco, quem consumia mais era pobre, não era rico.

De acordo com seu Jorge,

a praia não era poluída como é hoje. Não, não era! Aí, porque agora, muita gente, né... Era caminho pra lá, também era caminho. A gente passava, ia pela quarta rua e dobrava pra ali junto dumas casa, ia bater na praia, a água era limpa. Agora é contaminado, cês devem ter visto no jornal aí que tá poluída. É todo tempo, só pela época de férias... Mas pessoas não tão nem aí. Eu, só que eu não tomo banho, né... Mas talvez se eu fosse mais jovem tomasse, os outros tomam, influência, né. Não sei se, se dão mal, eu nunca vi ninguém dizer que se deu mal aí no Cruzeiro”.

O mesmo senhor afirmou em relação às pescarias nos igarapés e na baía do Guajará, bem como ao abastecimento de água para a população, que:

[...] Igarapé do Tabocal, ente ia chegar, a gente chamava boca do igarapé ali, na... na Praia do Cruzeiro. Lá, ente não levava nem o pulsa. Ente levava, chamava bóia, amarrava ali um pedaço de tripa de galinha ou pedaço de peixe, bucho de peixe. Aí, arriava lá, assim. Aí, ele vinha, metia um paneiro, assim, e jogava dentro da lata, é! Vinha agarrado, vinha dois, três. Era só meter, assim. Rápido a gente pegava muito. Agora, num pega não (risos)... Num sei esse ano, que agora é nessa época que começa a dar siri... mês de setembro, por aí, assim... Agosto, setembro já começa a chegar siri, quando o verão faz assim... chama verão forte, né. Como tá agora, calor e tudo. Mas ainda tá chovendo... Água encanada num tinha, sabia nem o que era também! Era só poço, é... O único poço aqui nesse perímetro que não secava era da dona Jóia, ela já faleceu com noventa e quatro anos. Era! Meu pai se acordava cedo e ia encher a água. O outro já era pra deixar pro almoço. Agora, tão falando aqui no jornal que até poço tá contaminando, né, poço! É, vai avançando o negócio vão descobrindo as coisa... Eu já tomei muita água de poço, tomei banho, é uma água fria, né, poço!

As transformações na paisagem icoaraciense também são notadas quando o idoso se refere à arborização urbana, pois, conforme as suas observações sobre o espaço urbano,

tinha, muita mangueira. Isso aí, ali na segunda rua, cê vai observar que ainda bas... Era um túnel de mangueira assim. Aqui na quinta rua, muitas mangueira derrubaram. Agora, essas plantas são novas, não sei nem daonde é isso... Ente... quando saía da festa, duas horas, três horas da madrugada, que a festa só ia até nesses horários, aí, saía juntando manga da mangueira, ia juntar manga, juntava manga. Cê vê que tudo isso passou, né, dificilmente volta; não volta mais, têm outras coisa... Mas Icoaraci era isso aqui, era Pinheiro na época, que tinha Pinheiro, depois que passou pra Icoaraci. Aí, depois Icoaraci eu conheci Pinheiro, mas dizem que o primeiro nome foi Ponta do Mel, depois São João do Pinheiro, depois Pinheiro. Tem história sobre isso... variada assim, de uma pra outra!... (Seu Jorge).

Seu Jorge parece ressentir-se pelas transformações ocorridas no espaço urbano de Icoaraci, quando afirma “essas plantas são novas”, destoando das mangueiras que caracterizavam as ruas do bairro em que sempre morou. Percebemos que, para ele, uma memória do lugar – evidenciada pelas lembranças de uma paisagem de outrora – revela uma perspectiva nostálgica de uma “época”, uma vez que “tudo isso passou, né, dificilmente volta”, ou ainda, resignado, conclui: “não volta mais”, posto que “têm outras coisas” animando a vida do bairro as quais diferem daquelas de sua juventude.

Seu Manoel (68 anos), irmão de seu Jorge, em uma longa narrativa, referiu-se ao traçado urbano do Distrito de Icoaraci². Descrevendo-o, com base em sua memória viva do bairro, com uma precisão impressionante de detalhes, o senhor considerou sempre as transformações sofridas na ocupação do mesmo desde a sua juventude:

Olha, quando eu era mais jovem, mesmo. Jovem mesmo! [...] Agora, imagine, isso aqui tudo mato aqui, né! Tudo mato, num tinha esses negócio que tem, era tudo mermo da natureza né, vinha aqui. Agora vinha a 2ª rua terminava aqui, aí vinha a 3ª rua é aquela que tem lá.

3ª rua ela começava daqui, essa aqui é a Soledade, esse aqui é a outra travessa que era a Andradas... Andradas, Andradas ali. Da Andradas pra Soledade não passava, era uma baixa, era um tijucal danado [área constituída por lama escurecida]!

Aí, começava aqui a 3ª rua. A 3ª rua vinha, vinha, vinha, vinha, vinha, quando chegava aqui... Era a Soledade, Andrade, Berredos... Berredos, Souza Franco... Souza Franco... botar mais pra cá assim a ponte, né... Itaboraí, São Roque, Cristóvam Colombo... Cristóvam Colombo. Cristóvam Colombo e essa aqui, a Pimenta Bueno. Tinha uma ponte mais pra cá, mas essa eu num alcancei, quando eu alcancei já era aqui na Cristóvam Colombo, né [...] Então, aqui que ficava a ponte. Mas tempos atrás, já teve uma mais pra cá, sabe, quando eu era beem garotinho, mas eu tenho uma vaga lembrança só.

Bem, então vinha daqui, aqui era... 2ª rua, 3ª rua, bem aqui, outra baixada [área alagadiça sujeita a oscilações das águas, seja através da influência das marés ou das chuvas], num se passava pra cá, daqui pra cá não se passava, era igarapé! Era um bocado de negócio. Olha... 3ª rua como era, né... Aí, vinha a 4ª rua, a 4ª rua ficava por aqui, por aqui assim também olha... isso aqui tudo uma baixada. Aí, ia, chegava a 4ª rua chegava até na, na Andradas também, isso aqui é outra baixada, não se passava pra cá pra, pra Soledade... vinha emboooral! Lembro benzinho como era aqui Icoaraci, benzinho... Isso aqui na 4ª rua, né... Na 5ª rua, onde vocês vão sempre lá, né, na casa dos meus irmão lá.

Na 5ª rua era assim: também a mesma coisa, isso aqui era baixada. Aqui era a Travessa do Cruzeiro que a gente não passava pra cá, não passava, muito alagado... Tinha um igarapé, esse igarapé ia cortando assim... Aí, vinha a 5ª rua, ela começava daqui mais ou meno, e essa 5ª rua ia, ia, ia, chegava na... na Andradas. Isso aqui chegava na Andradas, isso aqui tudo já era! Eu nunca imaginei que ia morar gente ali... Aí, tá... Isso aqui é a praia do Outeiro, também não passava aqui, passava o Cruzeiro. Aí, 5ª rua, essa rua que nós tamo ela vinha aqui também... Essa começava, vou já lhe dizer, na metade do quarteirão dali, por exemplo. Nós tamo na, nós tamo aqui na... Soledade, Andrade, Andrade, Berredos, Souza Franco, isso aqui ainda tava por aqui assim, olha... Aí, tinha a Souza Franco, tá! E a Itaboraí. Pra cá, isso aqui era tudo, isso aqui não passava... Sabia que era porque era caminho essa rua, dizia que era rua, mas era caminho. Tinha uma igreja lá em cima, por aqui, assim, tá... 7ª rua, não, 6ª rua eu ainda não disse a 6ª, né? (Não!)... Aqui, quer ver olha, 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e a 6ª rua. A

6ª rua mesma coisa, chegava aqui na Andradas não passava mais nada!

Aí, vinha, aí, chegava bem aqui, também não tinha mais nada. Aqui num... aqui... Era um bolo, sabe, era uma coisa interessante, olha! Agora, aqui era o Cruzeiro, olha! Travessa do Cruzeiro, eu digo que é travessa, mas num é, travessa toda mal, coisa, toda mal conservada aí, 6ª rua, 7ª rua. Essa que nós tamo, ela vinha... começava daqui, da... aqui nós tamo na... Soledade, Andrada, essa aqui é a... Souza Franco... Souza Franco, Souza Franco já atravessava, atravessava, chegava no Andradas, chegava na Andradas também, porque aqui era... chegava na Andradas. Andradas, Andradas, pra banda daqui do Cruzeiro... vinha, chegava aqui também. Ela, ela, num varava porque isso aqui tudo era uma, olha se eu colocar noutra posição era mais ou meno Icoaraci, era assim, olha... Viu como é? Isso aqui tudo era baixada, baixada num habitava ninguém!

Aonde nós tamos aqui, ninguém passava... era assim. Olhava de lá, sabe aqueles negócio que eles chamam, como é... aquela coisa geográfica... Quenia (Cânion), Quenia, era, era mais ou menos isso. É quenia, que fica um paredão assim e a baixada, é! Tu olhava de lá da Big Ben [rede de farmácias distribuída pela região Norte e Nordeste do país] pra cá, só via o paredão aqui. A gente olhava daqui pra lá, o paredão, esse buraco aí... Aaaah, mas tinha muita água aí! Aí, era água, aí era farto, o pessoal pescavam! Aí tinha de tudo, era igarapeção, aí. Entrava motor, entrava de tudo... Aterrou tudo, memão! Pois é, isso é que é o negócio, alguma, por isso que dá essas enchente, aí... Viu, então era mais ou meno isso aqui, olha. Aqui era um quenia, e daqui o outro, sabe.

Então, Icoaraci era desse tamanho, era isso aqui só. Aqui, aonde a gente mora, naquele quarteirão onde a gente mora... 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, né. Isso, isso aqui eu disse que era a Cristóvam Colombo, né? Então, aqui não tinha nada. Depooois, diz-que fizeram uma taberna, aqui morava uma velhinha numa casa, bem aqui, assim... nós aqui, do lado, mais um pessoal aqui... Eu sei que desse quarteirão pra esse aqui tinham dez casas do nosso lado. Me lembro do nome das pessoas até hoje, olha: era a Dona Maria Antonia que morava numa casa, a dona Isaura que morava com ela junto e a dona [?], eram três velhinhas que moravam e a filha da dona [?] por nome Iroida, né... Eu era garoto, dizer que eu era rapaz, não. Agora, lá em casa morava nós: eu, meu pai, minha mãe e meus três irmão. Aí morreu uma irmã minha, ficou... meus quatro irmãos, três irmãos, morreu uma ficou eu e meus dois irmãos. Do lado, morava aquele pessoal que ainda mora até hoje, né, que já são descendentes do pessoal lá... Aí, naquela academia do Paulo Mendes, né,

academia do Paulo Mendes lá, logo adiante assim; a barbearia do Jorge, meu irmão, né! Aquilo ali era um terreno vago, era uma casa de barro do seu João Barriga, era uma família grande, mas era só uma casinha no meio, não tinha naada, sabe... Lá adiante morava o seu, seu Jano, com a família dele, que ainda tem as filhas dele que ainda moram lá, era a... Matadouro. Trabalhava no matadouro! Perto do seu, tinha o seu Geraldo que vendia, vendia verdura no mercado. Aí, depois do seu Geraldo tinha o seu Bararu que trabalhava numa olaria. Aí, do lado era um terreno vago. Aí, quando já tava assim, com uns 12 ano, fizeram uma casa lá, era dum senhor da Marinha por nome Eliodoro. Aí, do lado do seu Eliodoro tinha uns cara que tocavo, era um bocado de pessoa mais escuro do que eu, sabe? Eles tocavam negócio de música, banda de música, essas coisa eu me lembro do nome dum, só que era mais ou meno da idade, que era o Sabá. Até um dia desse eu ia saindo aí, coincidência quando eu vi o cara 'Eci, Manoell!', dentro do ônibus... Coincidência, né! O cara de tantos anos...".

Seu Manoel, por meio do exercício de sua memória pessoal, considerando o caráter elástico e flexível da mesma, percorre os fios e meandros do tempo e reencontra o espaço vivido de outrora. As ruas de sua infância e adolescência emergem em sua narrativa e evocam imagens de uma urbanidade outra à medida que seu Manoel reconstitui um mapa mental de Icoaraci na virada da primeira para a segunda metade do século XX, estabelecendo, assim, uma comparação com a Icoaraci contemporânea.

Na Icoaraci do século XX, a paisagem estava constituída por elementos de uma outra geografia que, atualmente, em grande parte já desapareceu dos espaços de convivência social do Distrito. Igarapés, "cânions", baixadas, matas e tijucais davam uma dinâmica diferenciada ao viver, à urbanidade local. Nem todos os lugares eram saneados, nem todos eram transitáveis, portanto, deslocar-se pelas ruas do distrito implicava reconhecer um mapa mental onde tais ambientes refletiam, por um lado, as formas de ocupação da espacialidade do lugar e, por outro, as representações acerca dos elementos naturais em relação à expansão e conformação da zona urbana.

Nesse sentido, as moradias estavam dispostas de maneira a que habitantes dos bairros e quarteirões constituintes do Distrito mantivessem um

contato relativamente estreito, posto que a baixa densidade populacional daquele período – quinze mil habitantes, segundo seu Jorge – permitia às pessoas reconhecerem pela posição das casas ao longo da rua, os seus moradores. Com isto, não queremos dizer que tais formas de socição, e mesmo de sociabilidade que emergem naquele meio, tenham desaparecido por completo. Pelo contrário, elas ainda estão presentes no contexto cultural icoaraciense de maneira mais ou menos intensa.

Por outro lado, no que se refere à presença dos “casarões” em Icoaraci, um reflexo da riqueza do ciclo da borracha na *Belle Époque* paraense, verificamos que algumas construções permanecem no cenário urbano – considerando-se uma perspectiva patrimonialista – sob a forma de bens protegidos pelo Estado. No Distrito, existem também outras que restam como ruínas de um tempo de riqueza e fartura oriundas da economia gomífera, quando palacetes e mansões eram o signo da ostentação das classes abastadas locais no que tange à própria concepção de moradia burguesa ou mesmo de lazer e refrigério vividos naquela área da cidade de Belém. Segundo seu Gildo, “tinha gente que tinha fazenda no Marajó, essas coisas”.

Os antigos moradores de Icoaraci apontam em suas narrativas para a problemática ligada à conservação e destruição das edificações, conforme deixa claro seu Gildo:

Olha, esse... nesse, esse Coronel Sarmiento, grupo ali do colégio. Ele era um prédio de dois pavimento, bonito, assoalho de acapu, tudo... Era um prédio importante. Destruíram ele pa fazer tipo uma vacariazinha, senhor sabe como é, aquelas esc... [Puseram?] lá tudo baixo, lá que era o Coronel Sarmiento, era escola. Então era um prédio grande ali, aaaali na frente também, próximo já ao Coronel Sarmiento tinha uma casa e já foi destruída. Tinha outra também que destruíram, parece, semana passada também, grande, e tem ali perto ali de onde era o posto policial dali, também tinha uma casa bonita lá, cum corrupio lá que virava tudo... Ainda tem, mas tá, completamente, quase destruído tudo! Falta uma recuperação grande mesmo. Então, essas casa aqui em Icoaraci mais ou meno umas 5 ou 6 no máximo 7 casa que tinha grande aqui (Tu nem falou do Tavares

Cardoso! – Dona Maria, sugere ao marido). Sim, pois é, aaah! Tavares Cardoso, adonde é a biblioteca, também. É, mais ou menos umas 7 ou 8 casas que tinha grande aqui. O resto só era barraca!

Seu Gildo, em sua narrativa, evidencia o fato de que a destruição dos antigos casarões de Icoaraci vem ocorrendo sem maiores conseqüências – “outra também que destruíram, parece, semana passada também, grande” – Sobre essa questão, Seu Jorge afirmou o seguinte:

É, ainda tem muitos ali pelo Cruzeiro, né, pela Praia do Cruzeiro. Ali na Praia do Cruzeiro a gente fazia os time, ia jogar bola ali na praia, tomar banho de praia! Ainda tem aqueles casarões. Aqui na São Roque tinha um que era Romeu e Julieta, esse aí foi demolido. Tinha o chalé São João, um antigo ali... Ele, ele, ele reformou tudo sabe, porque tava [...]... É, sobraram, uma parte foi demolida, né. Você ainda vê ali pelo Cruzeiro, na segunda ali, pra banda do Cruzeiro, ainda vê. Ali na praia, em frente à praia, ali inda tem... Pra banda do Pontão, ali ainda tem casarão desses. Também já reformaram, né, mudaram aqueles aspectos que não era do início, já modificaram algumas coisas.

A fala de seu Jorge corrobora a de seu Gildo, apontando para o fato de que alguns casarões foram derrubados ou modificados ao longo dos anos em Icoaraci. Ela encontra ressonância nas argumentações de seu irmão, Manoel, que também se reporta às modificações da paisagem urbana icoaraciense:

Ah, tinha, mas muitos já sumiram! É como eu lhe falei, esse daqui sumiu. Um lá da São Roque, num tem aquela Igreja Quadrangular? Ali tinha um casarão: Jorge sabe desse, o Gildo, a Maria. Era o Romeu e Julieta o nome do, desse casarão. Esse tinha lá, era um casarão enorme. Tinha lá na São Roque, aonde é a Igreja Quadrangular, bem do lado de onde é a Igreja Quadrangular. É bem do lado esse casarão. Agora, a gente ia aqui, deixa eu ver, deixa eu ver pelas ruas primeiro, né... Na 1ª rua tinha ali o... eu ia deixar roupa prum senhor que ele era... químico lá no Guará: era um alemão, ele. Era o seu Sig que a gente ia deixar roupa lá, eu e o Jorge levava no carrinho de mão que, aquela senhora que morava lá do lado, ela faleceu dois anos atrás, lavava roupa e a gente ia levar, um mês era pra mim, um mês era pro meu irmão, sabe,

esse que é barbeiro. E a gente ia levar roupa, aí tinha aquele casarão que é uma biblioteca: São Roque, Avertaninho [referindo-se à Biblioteca Municipal Avertano Rocha], aquilo aí era o Tavares Cardoso, mas aquilo era muito bonito!

‘É por isso que eu digo, tem coisas que revolta... aquilo era pra ser conservado ali Manoel, aquela rua, casarão? É, o casarão! Na esquina da Souza Franco’ (Dona Raimunda, esposa de seu Manoel).

‘É, esse tem, mas tá caindo aos pedaços lá também, esse tá caindo, é o Coronel Porfírio, ele tá caindo’.

‘Dizem que é assombrado...’ (Pedro).

É, porque aquilo ali a minha mãe contava que o cara, ele era dono de negócio de escravo... Então, diiz-que, o pessoal dizia que morria muito escravo ali sabe, muitas pessoas. Aquilo ali é velho também, da época da minha mãe! Por aí você tira, né.

Agora, imagina como num era Icoaraci na, era, eu já peguei já com minha mãe, já contava esses fatos, né... Enfim, né, no Tavares Cardoso tinha uma ponte bonita, sabe. Égua! Uma ponte assim, parece quando a gente vê nos conto de fadas, sabe! Aquela ponte bacana: a água tinha a comporta, aí represava a água, sabe. Aí, tinha naquele lago, sabe, tinha um lago que era uma maravilha... mas aquilo era uma maravilha! Aquilo, hoje em dia eu passo lá, biblioteca, um matagal do cacete! O maior, maior, o pessoal num preserva, mas né, rapa! Num sei o que passa na cabeça dessa... vocês viram o jornal anteontem? Um arquivo que tem, num sei se foi no Rio ou São Paulo. Égua, rapá! Aquele documento de 1800, 1700, que o governo agora tá fazendo, passando por um processo de... como é que dá o nome? Parece uma... ajeitando tudo aqueles documento, sabe. Arquivando. É rapa, parece uma, é rapaz, uma coisa, tem uns que tão bem apagado, tem até de D. Pedro I, D. Pedro... Tem mais rapaz, tem... da escravatura. Então, tem aquele, carta de alforria. Era tudinho e aqui não, aqui... E sim, eu via aquilo, rapaz, era muito lindo aquele casarão, era muito lindo mesmo, sabe...

A gente ia e ficava olhando ali, sabe. Que a gente era pequeno, mas a gente admirava aquilo, era uma coisa assim nova pra gente né, devia ter uns 9 pra 10 ano né. A gente, muito bonito a ponte. Aí, um dia desses, num sei que foi que falou: “Mas, tinha ponte ali?” Eu digo: Tinha, rapaz! Agora, não sei, os corrimão sabe, era um lago, sabe, represava, tinha um lago ali, era da família Tavares Cardoso. E esses casarão que o pessoal faziam, geralmente, já agora aí na frente, a aí nesses casarões que tinha na frente que eu num sei de quem era o dono né, mas em cada frente de cada uma casa eles faziam uma, um banheiro sabe? Isso também num tem assim, tinha

parece que lá no pontão um dia quando esses prefeito.... Edmilson colocou as fotografia lá, do passado de Icoaraci, do passado, inda vi uma lá que tinha, tinha, que fazia a ponte e, no fim da ponte fazia os banheiro uma escada n’era, o pessoal tomava banho lá! As famílias que vinham assim, dia de domingo pra tomar banho. Tinha o Retiro da Saudade, retiro da saudade já caiu também... Retiro da Saudade era no canto da 3ª rua com a, com a Cruzeiro... Também, era outro casarão também. Tinha aqui, deixa eu ver, um outro, deixa eu ver onde é que era que tinha um outro casarão, rapaz... Se num me falhe a memória, se num me falhe a memória não, que era lá, onde é aquela, a fábrica Nassau; cimento, depósito Nassau, cimento... Aquilo ali era o ‘bosque’ que chamavam um casarão enorme lá dentro também, num sei de quem era aquilo ali... tinha muitos casarões... Mas muitos já, já, acabou, mas é isso, olha, num vê a estação nossa ferroviária né, pow! Aquilo ali não passou uma idéia rapaz, um político assim preservar aquele restinho que ainda tem né, que aquilo ali marcou né, época também, né. Esse aí da, já viu já a estação de ferro daqui que é a COARTE [Cooperativa de Artesãos de Icoaraci] agora que fizerem. Até que fizesse também né, mas devia preservar, tá caindo aos pedaços lá tudinho. É uma estrutura toda metálica né, toda, é... Acho bacana aquilo ali, aquilo ali também era”.

As reflexões de seu Manoel são importantes para compreendermos a dinâmica de transformação das paisagens icoaracienses, não somente ao discutir o processo de depredação dos seus antigos casarões, mas também quando o senhor se refere à destruição de construções como as pontes – verdadeiras paisagens lendárias na cidade amazônica, conforme revelam as fabulações de sua narrativa remetendo ao imaginário dos “contos de fadas”.

Além disso, o senhor revela, a partir da tessitura de sua narrativa, as articulações entre a sua experiência pessoal de viver o lugar e as imagens da Icoaraci de sua juventude. Isso é dado pela função fantástica da memória, que aciona um esforço de lembrar e reencontrar os lugares que não existem mais, situando-os nas paisagens de outrora de acordo com um mapeamento mental que não se coaduna com o mapa atual do Distrito.

Ao longo da narrativa, seu Manoel avalia as conseqüências que derivam das modificações do espaço urbano ante uma “temporalidade acidentada”,

consubstanciada na voragem das formas edificadas visando à construção de outras que tendem a se afastar de uma paisagem (ROCHA; ECKERT, 2005), cuja aura e a poética estão ligadas ao modo de ser amazônico. Daí a sua indignação e tristeza diante da ruína e desaparecimento das edificações que marcaram a dinâmica de ocupação do distrito, herança da “bela época” paraense e de um tempo mítico, porque vivido como esplendor do progresso no norte do país.

De acordo com Certeau et al (1996, p. 192-3),

O imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram. Elas se impõem. Estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas têm caráter. Ou melhor, são “caracteres” no teatro urbano. Personagens secretos [...] Por subtrair-se à lei do presente, esses objetos inanimados adquirem autonomia. São atores, heróis de legenda. Organizam em torno de si o romance da cidade. A proa aguda de uma casa de esquina, um teto provido de janelas como uma catedral gótica, a elegância de um poço na sombra de um pátio remelento: esses personagens levam sua vida própria. Assumem o papel misterioso que as sociedades tradicionais atribuíam à velhice, que vem de regiões que ultrapassam o saber. Eles são testemunhas de uma história [...] Esses objetos selvagens, provenientes de passados indecifráveis, são para nós o equivalente do que eram alguns deuses da Antiguidade, os ‘espíritos’ do lugar [...] Seu retiro faz falar – gera relatos – e permite agir – ‘autoriza’, por sua ambigüidade, espaços de operações.

AS VISAGENS NA PAISAGEM URBANA DE ICOARACI: REFLEXÕES SOBRE OS ‘ESPÍRITOS DO LUGAR’

A partir de agora buscamos discutir as relações entre a memória dos antigos moradores de Icoaraci e as transformações da paisagem urbana local, de forma a compreendermos alguns aspectos relativos às complexidades do imaginário no contexto amazônico, tomando a sua interação com a urbanização dos espaços como uma questão central. Desse modo, buscamos compreender as singularidades da experiência cultural no mundo urbano icoaraciense,

considerando um conjunto de imagens e representações, cujas vibrações ligadas a uma fantástica aderem a seus antigos casarões, ruas e portos, animando o espírito do lugar.

O tema relacionado às assombrações, visagens e encantados no contexto paraense já foi exaustivamente explorado, com maior ou menor intensidade, em trabalhos como os de Wagle (1988), Galvão (1976), Vergolino e Figueiredo (1972), Monteiro (2003), Maués (1995; 1999), além das pesquisas sobre “narrativas orais populares da Amazônia”, envolvendo as cidades de Belém, Abaetetuba e Santarém, coordenadas por Simões e Golder, editadas a partir de 1995.

Nesse contexto, o ato de refletir acerca do imaginário vinculado às visagens e assombrações no contexto amazônico coloca-nos, de alguma forma, como herdeiros de uma tradição no corpo das Ciências Humanas, especialmente no que tange às reflexões elaboradas por uma Antropologia voltada aos estudos amazônicos, mas também nos aproxima de estudos na área da literatura e suas preocupações com a oralidade.

Para as reflexões que buscamos estabelecer neste artigo, optamos por privilegiar a narrativa de seu Manoel por considerá-lo um dos grandes narradores com os quais dialogamos ao longo da pesquisa de campo, por dois motivos em especial. Primeiro, porque seu Manoel apresenta-se como um tipo de narrador especial, pois a tessitura de sua narrativa revela a elaboração de uma intriga associada à labuta de sua memória, na qual o ato criativo e fabulatório de narrar o assombroso, mescla-se com detalhes preciosos das paisagens icoaracienses de outrora. Segundo, porque este senhor – tratando-se, por certo, de uma visão bastante subjetiva de nossa experiência etnográfica – demonstra um grande prazer no ato de narrar. Neste caso, o ato de fala encerra uma interação animada com a platéia, quando o *performer* mostra-se dono da situação, envolvendo os ouvintes na atmosfera em que seus devaneios poético-narrativos se irradiam, dispersando imagens potentes sobre o viver e o sobrenatural na Amazônia.

Portanto, nas próximas páginas, apresentaremos uma série de narrativas contadas por seu Manoel na varanda de sua morada durante uma tarde em que o visitamos para conversar sobre histórias de visagens em Icoaraci.

NARRATIVAS SOBRE O MONSTRUOSO

Seu Manoel tinha muita história de visagem aqui? (Flávio)

Ah, tinha era demais, isso aí, era...

O senhor sabe contar umas histórias pra nós? (Flávio)

Rapaz, o pessoal contavam, né! Que era, na, naquela, num sei se já lhe falarum, dessa, uma da trouxa! Que vinha uma trouxa, ela rolava, o pessoal via uma trouxa que era aí, na 5ª rua, né. Ela rolava aquela trouxa de, de, tinha uma trouxa, ela rolava a trouxa. Isso aí já botou muito nego pra correr de lá... Era uma trouxa, agora, dava a impressão que era de pano, né? Era de pano, né. Era, coisa, era uma trouxa, né. Dizem que era uma trouxa, né... Aí, contavam também uma história dum, isso aí também surgiu uma época que aparecia um cara que, ele vinha numa festa, né. Aí, tinha um, num sei se eu já lhe contei essa, tinha um bebezinho chorando assim, perto dum poste.

Naquele tempo, quando eu me entendi, assim, já num tinha mais lampião, sabe. Era já mais, era, num sei se era lampião... não, quando... mas isso aí era quando eu já tava rapaz já, que colocaram a... pessoal diziam que era, fosse luz, "foi-se a luz", né... Porque quando a gente nem bem esperava dava prego o motor, ia embora aí a luz (risos). Apagava tudo... Aí, eu sei que foi nessa época já, né. Aí, diz-que ele vinha passando, viu aquele bebê chorando assim, na beira da estrada.

Se eu, não me falhe a memória, foi aqui na Cristóvam Colombo, né. Aí, na 6ª rua, né... aí, ele... não, ele vinha andando, aí, viu um cara, né. Aí, o cara... não consigo me lembrar bem, não é essa... Aí, ele vinha andando, e viu o garoto chorando, né. E diz-que isso apareceu várias veze, o pessoal dissero, né. Aí, ele viu o menino chorando: "Minino, esse garoto, deixaram esse garoto aqui!" E: "Quem é tu?" E, tal, né. Aí, ele disse assim, que ele tava com dor no dente, né. Ele tava com dor no dente. Aí, ele disse: "Dor no dente?"

"É, dor no dente, tô com dor no dente!", o menino chorando. "Mostra, aí!" Aí, quando ele amostrou, olha só o dente, rapá! Na boca do cara. Aí, o cara saiu desembrado na carreira, né. Quando chega mais adiante, aí, ele vê um cara encostado assim numa árvore,

né... Aí, ele pegou, perguntou pro cara "Ei, rapá! Vai enfiado na carreira aí?"

"Que, que tá havendo?" disse.

"Rapaz, eu vi um garotinho ali, rapaz, com o dente desse tamanho, só pode ser visage!"

Aí, diz-que o cara abriu a boca e disse: "Será que num é maior do que esse?" Aí, abriu, olha só, ele contava. Isso aí é muita anedota..."

NARRATIVAS SOBRE ENTERRAMENTO DE DINHEIRO

Agora, agora, do meu tio, ele jurava que foi verdade. Ele jurava que foi verdade, porque quando queimava fogo na olaria, baixada, era baixada mermo, sabe. Era isolado a olaria, ficava isolado na baixada, aqueles igarapé, né: cabiceira de igarapé... Aí, tinha o barreirista que ia tirar o barro de noite, conforme a maré, né.

Então, eles saíam, onde é essa Praia do Amor, era a praia do Barro Grande que chamavam... Hoje ainda tá essa praia porque proibiram de tirar o barro lá, senão tinha ficado só um buraco lá. Quer dizer, barro lá, a gente cortava ele nessa altura de água aqui. Eu nunca tirei barro, o pessoal que contavam. Era um barro branco, barro bom, a gente misturava com barro azul e o barro amarelo, aí você queimava a louça.

Aí, você batia, chega, batia parece um sino a louça, num tem uma louça de barro que você bate tin tin tin tin, né? Agora, você bate numa telha, faz ton, ton ton toin, num bate mais, era por causa do barro branco, que misturava, era. E essa telha desse home era muito procurada, esse nosso patrão, porque ele misturava, inclusive, a barcada³ era mais cara também sabe, tudo isso!

Aí, ele tava na olaria, aí, o, lá nessa ponte de Icoaraci, aí, o pessoal se juntavam boca da noite, num tinha outra diversão, fizeram um quiosque lá, né. Aí os papudinho, as mulherada, prostituta, se reúnem lá, sabe! Toda noite, de pescador, né. Era tipo como era na zona de meretrício, o cara chegava, né, ia direto pra zona ali: 1º de março, aquele centro, mas ainda tem ainda, um dia desse eu passei lá ainda tem umas mulherada lá, naquelas casa lá. Num tem ali na, ali na General Gurjão? Ali pela coisa, ainda tem ainda, né. Mas, num é dante, antes era debochado mermo! Elas ficavam na rua agarrando a moçada. Aí, tá legal, aí, ele saiu. Diz-que: "Ah, Caxuri", era Caxuri o nome do meu tio: "eu vou lá na ponte, no, fazer uma hora lá, enquanto a maré cheia", né. Tá legal.

Aí, quando deu assim 1 hora da madrugada, meu tio tava, porque o forno, ele é, era assim, primeiro vai o

Tem a ... do lado. Aí, muitas vezes o cara até dorme lá, na, na, na, naquele miritizeiro contra a cerca, né. Aí, no Marajó é muito, cansei de ver muitas casa assim.

Aí, ele tava lá sentado, deitado assim, quando ele viu aquele vulto veio assim, surgiu do nada, da praia, né. Aí, veio, aí, convidou pra ir lá na beira da praia, andar mais um pouco assim pro lado da praia. Apontou o local. Se ele tinha coragem de tirar o dinheiro... que ele tirasse o dinheiro, que era dele, sabe. Aí contou, diz-que contou a história lá pra ele. Aí, ele foi... o cara de interior tem muita coragem, sabe! A gente aqui na cidade, a gente não tem coragem. Vai pro interior desse pra ti ver caboco doido, assim, corajoso, né!

Aí, o cara foi indo e tirou, né. Cavou onde aquela alma... Aquela alma; cavou, aí tirou uma, um bauzinho assim, com a... Aí, abriu na casa dele: cheio de moeda, sabel. Umas moeda redondinha, assim.

Rapaz, ele tirava fiado num turco lá no Mosqueiro, na vila, né... Aí, quando foi de manhã, ele ia partir pra vila, né. Do Carananduba pro Mosqueiro é muito longe, né. Aí, ele saiu pra lá, canoa, aí, atracou no porto. Foi lá no, com, levou uma moeda. Aí, conversa vai conversa vem, ele bebendo lá na taberna do turco.

Aí, disse, perguntou pro turco: “Isso aqui vale alguma coisa, ainda vale alguma coisa?”

Aí, o turco olhou, disse assim: “Olha rapaz, eu num tenho bem certeza não, mas eu vou viajar pra Belém.”

Porque naquele tempo era só navio, num tinha ponte, era difícil Mosqueiro, né. Era só no navio: “...Eu vou em Belém, eu vou... vou...”, como é que se diz, “...vou verificar lá, mando numa casa dessa que o pessoal avalia essas coisa aí, e já amanhã eu vou te dizer se vale ou se num vale. Porque, tu tem muito desse lá?”

Ele disse: “É, eu tenho uma caixinha lá cheia, né!”

“É, mas bora ver se tem?”

Aí, quando foi no outro dia, ele foi saber com o turco. Aí, chegou lá com o turco, aí, o turco disse assim: “Rapaz, eu estive lá em Belém, mas infelizmente isso já valeu, num vale mais nada, né. Num vale mais nada... pouco valor mermo, se valer, é pouca coisa. Mas me mostra aí essa caixinha que tu tem”.

Aí, o cara foi, levou uma caixa que era de cobre a caixa, sabe... a baiúca, né? A baiúca que é... bauzinho que tinha, né. Cheio daquelas moeda, aí, disse: “Ah, rapaz, o seguinte, bora fazer um acordo. Pelo que ele deu valor disso aí, dá mais ou menos isso.

“Fazer o seguinte: bora aparelhar uma canoa pra ti...” - aparelhar era equipar toda a canoa, né - “...mandar fazer uma reforma nela, tua casa tá pra cair lá. Vou comprar umas madeira, mandar ajeitar lá e vou ver quanto é que vai dar esse negócio aqui, o senhor aceita?”

E o cara: “Eu aceito, né!”

Aí, pegou, ajeitou a casa do cara, né. Aí, a canoa dele toda. Comprou, naquele tempo a pesca só era de anzol, né. Comprou anzol, tudo, né, Aí, ele... tudo bem. Aí, o cara ficou satisfeito, né. Mandou passar um cal lá na, ficou uma casa bonitinha mermo, né. Interior assim, aí, o cara foi embora... pra casa dele. Aí, começou a pescar. Aí, quando foi mais ou meno com uns dia esse voltou de novo lá no Mosqueiro, né, pra saber do turco. Aí, o pessoal disseram: “Ei rapaz, esse cara já foi embora daqui, num tem mais de uma semana, vendeu isso aí!”

“Pra onde ele foi?”

“Num sei...”

Então, o pessoal, a família já disseram que ele, ele dobrou o cara, sabe. Enganou o cara, né... Ele viu que tinha muito valor, né. Ou mandou valorizar mermo, né. Aí, viu a quantia, pra ele fazer tudo pro cara. Logo turco, né. Aí, enganou o cara. Aí, o cara ficou só com a casa, o reboque, que era a canoa, o reboque e... só isso mermo, né, Aí ficou.

Teve um outro, mas esse outro também tirou, segundo meu pai falou. Foi aqui na prainha do Outeiro também. Mas esse também aproveitou, esse não deu pra ninguém, né. Ele tirou, veio em sonho pra ele, ele foi lá, tirou... Olha, esse assim, ele se beneficiou, né. Fez umas casa, fez comércio, é. Eu sei que ele ficou bem de vida também o cara, né.

Nas narrativas, os enterros de dinheiro estão associados à presença de um espírito que guia o escolhido até o local onde se encontra o tesouro. A revelação e entrega da fortuna pode ocorrer por meio da dimensão onírica – o espírito aparece durante um sonho –, ou surgir na paisagem fantástica, estabelecendo um diálogo com o sujeito, de maneira a indicar o lugar exato em que se encontra o dinheiro escondido. Realizado o ato de desenterramento da fortuna, o espírito está livre de seu destino de guardar o tesouro.

Um aspecto que indica a convergência de imagens está no fato de que tanto para o caso gaúcho (Revoluções Farroupilha, Federalista ou a de 32), quanto para o contexto paraense (Cabanagem), os tesouros eram enterrados em períodos de conflitos bélicos.

O LOBISOMEM

Seu Manoel, e essa história de homem virar porco? (Flávio)

Ah, isso aí tinha também. Tinha um cara lá pra banda da casa do Gildo, até, sabe. Era um tal de Satuca, que ele era um comerciante, ele, sabe. Esse aí, poóo, o pessoal tinha um medo danado daquele cara. É, um cara, uma noite, um pescador por nome Sabino, mas também, contavam, né. É, sabe como é, a boca do povo vai... Aí, diz-que o cara, o porco avançou pra cima dele pra morder.

Naquele tempo usavam muita navalha o pessoal, né. Aí, ele deu uma navalhada que pegou nos quarto do porco, assim. Aí, o porco correu, né. Correu pra casa dele... Passou, passou. Satuca não dava sinal de vida na taberna, num sei quem foi que foi lá e viu: ele tava com um golpe de navalha na, na, justamente aonde o cara disse que tinha cortado o porco, né.

Aí, quer dizer, ficou aquele negócio de dizer que o cara virava bicho, né. Eu não sei se (risos) é possível isso, eu só sei que, porra, o Satuca foi conhecido na época, a gente assim da minha idade, assim. Todo mundo se lembra do Satuca! Era um cara meio assim, amarelão, cara, era da taberna, comerciante, ele.

Ele era amarelado? (Flávio)

Era, meio amarelado... Égua! Vou chamar o Satuca, criança, assim, começava com brabeza, né (risos). Era o Satuca! O Gildo conheceu ele! (risos).

A MATINTAPERERA

E a Matintaperera? (Flávio)

Ah, a matintaperera, matintaperera, tinha! E eu, rapaz, num sei, eu, eu, pra mim, olha, minha mulher quando eu me casei com ela, até na década de 70, ainda tinha matintaperera aqui em Icoaraci.

Me casei em 04 de abril de 1970. Ela trabalhava já na Pedro Carneiro e eu trabalhava na BRASILIT, né. Aí, ela veio uma noite, ela veio, segundo turno, ela vinha 11 horas da noite. Aí, eu ia buscá-la de bicicleta, né. Aí, a gente vinha na bicicleta, aí tava puxando água, era poço lá, né. Aí, enchia a água, levava pro banheiro. Aí, tinha que.... um balde pra ela tomar banho e eu também, né.

Rapaz! Quando uma matintaperera apitou, mas ela fez assim: “fiiiiiuu... iiiiii”. “Égua, porra! Raimunda é a matintaperera!”

A Raimunda saiu correndo (risos), ninguém, mermão, na Campina, num tinha ninguém, sabe. Era deserto isso aí, era onde a gente morava era um campo de futebol... um campo de futebol. Tinha a nossa casa e a outra do lado, só.

Aí, com aquele apito, aí, a, nós metemo na cabeça que era matintaperera... Dormimo sem tomar banho, rapa! É... Até hoje ela se lembra dessa parada. Égua! Mas, aquele, um apito assim, num era apito assim de coisa não, rapaz! Uma, apito, era uma coisa muito medonha mermo.

Agora, meu pai contava de uma matintaperera: botou ele pra correr desde na 2ª rua até na porta da casa dele, aqui na Santa Rosa. Que essa Santa Rosa, me esqueci da Santa Rosa. Santa Rosa, essa travessa, ela nasce na, na 5ª rua, né, e termina ali na 7ª: Dois quarteirões só... a Santa Rosa. Correu dela, veio de uma festa, ela atentando ele, atentando ele, atentando, quando ele chegou na porta da casa dele, ela deu o último apito... Ela vinha cercando ele, meu pai contava isso... tinha muita matintaperera, apitava mermo, sabe!

Agora, num sei se era algum pássaro, se era alguma coisa de noite, matinta-perera, era... Rapaz! Era um negócio assim que o pessoal se atemorizava mesmo, sabe. Esse cemitério aí, quando dava 6:30, 7 horas da noite ninguém passava mais na frente, sabe”.

Neste momento da narrativa de seu Manoel é importante estabelecermos uma aproximação entre a sua fala, a de seu irmão, Jorge, e a de seu cunhado, Gildo, acerca de seres fantásticos – como o lobisOMEM e a matintaperera – nas paisagens urbanas de Icoaraci. O entrecruzamento das narrativas auxilia-nos a pontuar e aprofundar aspectos da narrativa de seu Manoel, contribuindo para a compreensão do conteúdo narrativo e das imagens evocadas na sua fala.

Durante uma conversa com seu Jorge, em sua barbaeria, perguntamos se as pessoas falavam sobre a presença da matintaperera em Icoaraci. O senhor afirmou:

Era...era. Tinha matintaperera, sim. Tinha pessoas que viravam matintaperera. Tinha um que encontrava com a gente de noite, nunca vi de virar, dizia que virava porco! Mas chamavam pra ele de Chico Urso, cansei de cortar o cabelo dele também! Não tinha nada com isso, quem

virava bicho era o ho ho... Mas, já depois de, de uma certa coisa, que ele morreu já velho também. Chamavam Chico Urso pra ele...é!

E como é que é essa história de virar matintaperera, o senhor sabe falar sobre isso? (Pedro).

Eu não sei falar sobre isso! Eu sei te explicar pessoas que viro, né. Eles falam de fado, a pessoa traz um fado. Já, aquilo ali é latente, aí, vira. Ou, então, passa de pai pra filho, de avô pra neto, eu vejo esses comentário, num tenho certeza disso.

O lobisomí deve ser a mesma coisa, é... Falavam dum, era ali na terceira rua, era...Sabino, ele viravam também, por sinal...não, Sabino, não. Era... o Sabino foi o que cortou ele! Diz-que tinha virado não sei se era porco ou cavalo e atacou o Sabino. Esqueci o nome desse que virava porco e o Sabino tava com uma faca, cortou aquele bicho. Quando foi no outro dia tava um...a, a pessoa que virava tava cortada.

Eu esqueci, esqueci agora o nome do [porco?],era um rapaz que falavo aí que virava esses bicho!

Ainda tinha as visage, aparecia um caixão... Eu sei que o comentário, quando era na barbearia, num era como a gente pega o jornal agora, é assalto, era só falar em visagem. Hoje em dia o cara pega um jornal desse, tá cheio de crime, de coisa... Naquele tempo não, era só 'correu, apareceu uma trouxa, ele foi pegar, a trouxa saiu rolando', era assim, isso. Mas eu mermo nunca vi né... Eu me assustei uma vez quando eu vinha do 'Buraco do Tatu', 'Buraco do Tatu'. Eu já tava rapaz, era uma festa que tinha onde era o centro...ali o hospital Abelardo Santos, é, por ali assim, por aquele período. Ente ia só e vinha, não tinha assalto e eu vinha só de lá, que eu não gostava de amanhecer em festa e quando eu vi, aquilo 'iiih', 'iiih', aí eu olhava pra trás e pensava que era alguma pessoa porque naquela época se você visse uma pessoa, podia acompanhar que era de bem. Hoje em dia se você vê já desconfia né? Naquele tempo não. Aí, vinha, aí 'iiih', 'que será, isso deve ser visage'. Aí eu fiquei com medo. Né. 'Iiih', 'iiih', aquilo fazendo: 'iiih', 'iiih' e, quando eu vi, pulou, era um sapozinho, assim né, que tinham diversos, 'iiih', 'iiih', eles fazem assim: 'iiih', 'iiih'. Acabei m'indo imhora...

Noutro momento, seu Gildo também fez referência ao lobisomem que circulava pelas ruas de Icoaraci:

Aqui em Icoaraci, a gente... antes disso tinha esses negócio de visage. Como eu já lhe falei, né, tinha um homem ali que trabalhava de sapateiro⁴ ali na outra rua,

era Djalma o nome dele. Então, o pessoal falavo que ele virava cavalo, ele tinha fado de virar cavalo, ele era sapateiro! Então, era isso, um virava porco, era o Satuca. O... o meu pai, meu finado, meu pai, o nome dele era Sabino, por incrível que pareça a... esse Sabino, numa noite, andando lá... lá perto da casa dele com um terçadinho, aí veio um porco, avançou em cima dele. Aí ele pegou, num contou conversa, largou-lhe o terçado no... por detrás assim, na bunda do porco (risos). Aí, quando foi de manhã ele foi reclamar pra ele: 'Poxa rapaz, você me cortou, você me deu um golpe aqui em mim!' Ele disse: 'Não, eu atingi um porco, num sabia que era você!' (risos).

Então, digo, ele descobriu que ele virava porco... Era, o Satuca...é! E tinha essas historia também de matintaperera, esses pessoal, essas velha que viravo matintaperera. Também tinha fado, aqui, acolá, tinha um assobio: 'UuUu UuuUu'.

Aí, dizia: 'matintapereceira!'.

Aí o camarada gritava daqui: 'Vem buscar café de manhã!'... Tabaco... Por incrível que pareça, a mulher num vinha no outro dia de manhã pegar o tabaco, o café? Era, era...

Há pontos de convergência de imagens nessas narrativas acerca do universo sutil e fabuloso, constituindo a potência do imaginário que vibra na aura das paisagens fantásticas icoaracienses. Notamos que, na narrativa de seu Jorge, da mesma maneira que na de seu Gildo, uma figura fantástica, como a matintaperera, mistura-se de alguma forma com a imagem não menos assustadora e metamórfica do lobisomem. Ambas ressoam na fala de seu Manoel.

O fado, enquanto um fenômeno ligado à cíclica da metamorfose, coloca a obrigatoriedade do sujeito transformar-se em lobisomem ou em matintaperera. Para o primeiro, o da zoomorfização, um homem; para o segundo, o da transfiguração em matintaperera, que tanto pode ser do sexo masculino como feminino. No entanto, a criatura fantástica enquanto um ser que voa à noite está, geralmente, associada à imagem do feminino. Na região missioneira gaúcha, por exemplo, a presença das bruxas que voam nas paisagens noturnas (SILVEIRA, 2004) parece substituir a figura da matintaperera amazônica.

Algumas questões importantes que aparecem nas narrativas dos idosos se referem à convergência de imagens e representações acerca das “visage” que constelam em diferentes pontos do país, conforme aparece em trabalho de um dos autores deste artigo (SILVEIRA, 2004)⁵, quais sejam:

- a) o lobisomem é um sujeito “amarelão”;
- b) após o ferimento da besta pelo herói da narrativa, no outro dia, ou mesmo em dias posteriores, aquele que experimenta o fadário zoometamórfico (“virar bicho⁶”) é encontrado por alguém em sua casa sofrendo;
- c) no caso da matintaperera, o ser fantástico deve retornar no outro dia em busca de algo prometido a ela, uma vez que parece estar presa à promessa, revelando assim, a sua identidade humana⁷.

A MULHER LOIRA DA PRAIA

E lá nessa, na prainha, muitos pescadores viram também. Era, uma mulher loira sentada na praia, sabe? Mas ela num mexia com ninguém também, nem eles mexiam com ela, né. Tinha muito pescador, que aonde tinha mais pescador, eram os dois bairro aqui de Icoaraci, era a Ponta Grossa e a aqui o Furo, né.

Era aonde se concentrava o maior número de pescadores, né... Pa Agulha num tinha, que era mais central, o pessoal era mais esse negócio de roça, essas coisas, mais pra cá, não. Era onde tinha no Furo e na Ponta Grossa. Aí, os pescadores chegavam, né. Aí, ela tava sentada... Aí, depois, conta a lenda, isso aí já foi minha mãe que contou, né. Que nessa época que vinha o pessoal, assim, pra Icoaraci: final de semana, passar final de semana, né.

E vierum tomar banho, né. E numa dessas banho que eles vierum, aí, veio uma jovem com eles de Belém, né. E desapareceu nas água aí na, na frente, daonde é agora a Continental, sabe? Por ali, assim, na prainha, né. Que chamavam era prainha. Tem gente que nasceu em Icoaraci, tá vivendo e não sabe que existiu a prainha, né. Era prainha, tomava banho lá, praia mermo, areia, sabe? Aí... tudo bem, né... Aí, o, sumiu, procura, procura o cadáver da menina num encontraram, num encontraram, mas num encontraaram mermo, sabe.

Aí, com o tempo, aí começou a aparecer aquela mulher, assim. Então o pessoal atribuiu a isso, né. Diz-que era o espírito dela: chamavam que ela tava encantada, né! Até que tempo, negócio de encantamento, né. Aí diz-que ela era encantada. Muitos pescadores viam. Mas, eles não mexiam com ela, sabe. Ela sentada, também num mostrava o rosto. Era loira ela, aí, ficava. A, a, a, o que eles dizium era idêntica à menina que morreu, né. Aí, o pessoal falava isso. Aí, foi movimentando, aí, a praia, foram botando indústria. Aí, num deu mais espaço pra, né, esses lugar...

As mulheres fantásticas que habitam os rios e lagos brasileiros na forma de uiaras ou mães-d'água revelam a importância de um imaginário relacionado ao meio aquático para o Brasil. Tais seres maravilhosos podem estar associados a uma mitologia de herança indígena, o que podemos observar na Amazônia e, mesmo, em Alcântara (MA), às experiências turbulentas dos conflitos bélicos no sul do Brasil (SILVEIRA, 2004), e às situações fantásticas de encantamento pelos “seres de fundo” (MAUÉS, 1995; 1999), como parece estar implícito na fala de seu Manoel.

A narrativa do idoso indica o fato de que, como no sul do Brasil, as visagens, de acordo com o relato de algumas pessoas, tendem a desaparecer com a modernização dos espaços – “Aí, foi movimentando, aí, a praia, foram botando indústria. Aí, num deu mais espaço pra, né, esses lugar...”. Além disso, como deixou claro seu Jorge, as pessoas passam a não mais temer as visagens, e sim a violência urbana relacionada aos assaltos e assassinatos a que estão suscetíveis os moradores de uma cidade como Belém⁸.

VISAGENS E APARIÇÕES⁹

Durante uma das conversas que mantivemos com seu Manoel em sua casa, esta localizada na 7ª rua, o senhor narrou um episódio inusitado que teria ocorrido com um amigo da família – tio Irineu –, que era compadre de seu pai e trabalhava na mesma olaria que seu Manoel. A complexidade de sua narrativa,

bem como as imagens evocadas por ela, ressoa no conjunto de imagens intensas e dinâmicas relacionadas às tensões e arranjos sociais que engendram formas de viver na Amazônia, considerando a mobilidade de seus habitantes. De acordo com o idoso:

Tinha outro senhor que ele contou uma história. Égua! Essa história desse cara é tipo uma novela, sabe! Ele nasceu num lugar chamado Baquiá Branco. É... aí, pro alto do Amazonas, sabe. Naquele tempo, o senhor já ouviu falar daquele navio gaiola da Sinap, aqui... Belém. Era uns navio que viajavam aí tudo, pra... do Amazonas pra cima, traz seringa, traz passageiro, traz de tudo, né. Ele era garoto, ele devia ter uns oito pra nove ano, né. Aí, ele pegou uma briga com a irmã dele e, a mãe dele já tinha murrido, né. Teve uma briga com a irmã dele e... jogou um caneco.[...] Aí, quebrou a testa da menina, a menina chorando... Aí, na hora que o pai dele chegou. Aí, o pai dele chegou, só que naquela época, a, a violência, se hoje em dia tem violência, imagina naquele tempo, né! Pra bater nele, né. Mas, que quando ele viu, o cara puxou um cinturão, olha só a largura da sola pra dar nele, né.

Aí, ele se apavorou, se embrenhou no mato.[...] Égua! Ele contava, chega, tinha hora que chega vinha lágrima no olho dele. Poxa! ...[...] Aí, ele caiu no mato! Caiu no mato, aí: 'num vou mais ficar nessa casa, vou me embora!'

Aí, ele deu um jeito, aí, ele varou num porto lá, né. E de lá no porto onde ele varou tinha um navio embarcando...[...] Só sei que ele deu um jeito e se agüentou no navio, se escondeu no porão do navio, né. Ficou escondidinho lá. Aí, fizeram o embarque, tudo lá e ele lá. Aí ficou com fome, se agüentando: fome e sede. Aí, o navio desatracou, veio embora... veio embora pra Belém. Veio, veio, veio, atracava, aportava e desaportava. Eu sei que quando ele se espantou, aí tinha um cara chamando:

'- Ei, tem um muleque aqui escondido!' - assim, assim e tal...

Aí, foi, levaram pro comandante, né. Aí, o comandante disse:

'- Ei rapaz, que negócio é esse, pronde é que tu vai?'

Disse: 'Eu num sei, eu num quero ir, voltar mais pra casa que meu pai vai me matar de pancada, sabe... Do jeito que eu vi ele puxar o cinturão assim com raiva, a minha irmã quebrou a testa, né?'

'- Pow, de onde tu é?'

Aí, ele deu o nome do lugar, lá pa dentro do mato... 'É, já tá aqui, bora pra casa!'

Aí, o comandante trouxe ele. Quando chegou aqui em Belém, aí, ele foi morar ali pra banda de, hoje, é Batista Campo hoje em dia, né? [...] Aí, foi morar pra lá com o comandante. Agora, só que ele dizia o seguinte, né: o comandante apresentou ele lá pra família, tudo, e, quando o comandante tava aí, ele era tratado humanamente, né. Aí, quando o comandante viajava, aí, a mulher do comandante era péssima, tratava ele mal pra cacete: batia nele, sabe. Pô!

O cara sem saber ler, sem saber escrever, com oito pra nove anos de idade, já pensou, né? Era uma verdadeira escravatura, ele dizendo, passava baixo na mão dessa mulher. E ela dizia: 'Olha, quando fulano chegar, se tu disser, quando ele for embora, eu vou te matar!', dizia pro garoto, sabe.

Era Irineu o nome dele. Ah, rapaz, ele ficou, ficou, disse: 'Eu não vou agüentar aqui, vou dar um jeito de fugir!' Aí, quando foi um dia, ela deu dinheiro. Nessa época, era, num tinha carro em Belém, era só bonde, sabe, era o tempo do bonde, aqui em Belém era aquele bonde que era da Paraelétrica, né.[...] Aí, pegou um bonde pra ir, foi pra, comprar pão na padaria, né. Aí, em vez dele ir pra padaria, ele pegou o bonde e veio embora.

Ele já conhecia mais ou meno Belém. Aí, veio pra estação de São Braz, aí que era do trem, né. Chegou na estação de São Braz, tinha um bocado de muleque vendendo tapioca, vendia muita coisa aí: cuscuz, canjica, sabe. Essas coisas de nordestino, né. Vendia muito mermo. Aí, ficou com um cara lá e disse: 'Ei rapá! Como é pa vender esse negócio aí?'

[...] Aí, o cara disse assim: 'Rapaz, é da dona fulana, ela que emprega a gente pa vender'. [...] Dizem, ela que vendia na folha da banana, que nesse tempo num tinha plástico, né. Tudo na folha da banana, que tapioca... Aí, ficou lá aguardando, o minino vendeu toda a, a, tapioca e disse: 'Olha, tá na hora, umbora!' Aí foram.

Chegaram lá com essa senhora. Ela disse: 'Ah, meu filho, num tem vaga agora, olha. Acabou, num tem mais vaga agora'. E agora? Pô, era lá perto mesmo de São Braz. 'Porra, e agora?' Ele voltou pra São Braz de novo, né.

Aí, chegou lá ficou pensando: se ele voltar lá pra casa a mulher ia tirar o couro dele, né? Que é que ele ia fazer? Ele ficou sentado lá. Aí, o sono veio, pegou ele sentado lá.[...] Aí, adormeceu, rapaz, aí, quando foi umas hora assim, né, foi terminando o movimento em São Braz, né.[...]

Aí, quando ele viu uma senhora chegou e disse: 'Te levanta, me acompanha, bora pra casa. Bora dormir lá em casa'. Pow, o cara tava sem eira nem beira, né. Aí,

saiu com aquela senhora, ela na frente, ela andava depressa e ele atrás: “Bora, vumbora, vumbora!” Ela na frente, ele atrás. Uma senhora clara de cabelos cumpridos, né. Aí, saiu, foi, foi, foi, foi, foi. Aí, foi andando, andando, andando, aí, quando viram... ela bateu numa barraca, numa casa. Bateu na casa... aí, veio uma senhora lá de dentro...

Aí, disse: ‘Olha, ata uma rede pr’esse minino’.

Aí, a senhora foi, mandou ele entrar. Ele entrou, aí, ela foi, botou a rede pra ele, aí, ele deitou cansado, né. Já pensou, né, criança dorme mermo, né? Aí, ele dormiu, dormiu, pegou no sono mermo, né. Aí, quando foi de manhã assim, umas 6:30, 7 hora, quando ele abriu o olho tava rodeada a rede dele de gente, sabe. Os morador da casa, né. Aí, ficaram olhando assim...

Aí, disseram: ‘Ei rapaz! De onde tu és, quem te trouxe?’

‘ Ah, uma senhora que me trouxe pra cá’.

E um olhou pra cara do outro, né. Que era um pessoal, uns morenões, negão, né. ‘Pow, rapaz... então, será...? Quem atou a rede pra ti?’

‘ Foi uma senhora que atou a rede pra mim, uma morena assim gorda, forte...’ Aqui e tal, ele contou a história dele, né.

‘ É, fica com nós aqui. A gente trabalha tirando lenha pra Paraelétrica’

Que naquele tempo era a vapor, né. Aí, tinha que trocar lenha.[...] Aí ficou com o pessoal lá, trabalhando. Mas ele num via a senhora que tinha atado a rede pra ele, sabe...

Aí, quando foi um dia, ele disse: ‘Rapaz... quem é aquela senhora que atou a rede?’ Já tava lá meses, né... criança, mas num imaginou, né. Aí, o rapaz:

‘ Como ela era? Diz assim, como ela era? Então, bora lá em casa, tirá nossa dúvida!’

Aí, chegaram lá no retrato na parede, disseram: ‘Era mais ou meno assim, que nem essa?’

‘ Olha, era, foi essa aí que atou a rede pra mim!’

Aí, o cara disse: ‘Égua! Mas essa aqui é a nossa mãe! Ela já morreu há muito tempo, pô!’

‘ Pois foi ela que atou a rede pra mim!’

‘ É, mas já que tá, tu já tá aqui com nós, né. A gente já conhece mais ou meno como tu é, tu vai ficar com nós aqui até quando tu quiser’.

Aí, ele ficou com eles morando lá.[...] Foi ficando rapaz, né, quer dizer, que a família dele foi aquele pessoal ali, né. Aí, então, depois ele imaginava com ele mesmo, né. Ele pensava: ou era o espírito da mãe dele que levou ele lá pra casa dessa senhora, uma ele já sabia, que era o espírito da mãe deles lá da casa, né.

Agora o, essa outra, ele ficava na dúvida, que ele se pegava com Nossa Senhora de Nazaré, né. Então, ele pensava: ‘Será que é nossa senhora de Nazaré ou é a

minha mãe?’. Então, ele ficava pensando: ‘Ou o espírito da minha mãe, ou de Nossa Senhora de Nazaré’. Então, ele ficou adulto assim, com essa dúvida, né. [...]

Seu Manoel, enquanto um “guardião da memória”, consegue retratar a biografia de um homem comum, restituindo a imagem da criança atormentada pela violência que atravessa a sua experiência de vida, dada no seu próprio ato como no de seu pai, instaurando rupturas que a impelem a criar estratégias para manter-se íntegra física e moralmente. Assim, essa narrativa auxilia-nos a compreender questões relevantes acerca das interações complexas entre as trajetórias sociais e a memória coletiva de velhos moradores de locais como Icoaraci.

O idoso deixa claro que há um tom novelesco na saga do amigo, associando uma carga emocional (violência, perdas, sofrimento, aventura, insegurança, descobertas, amizade, reencontro) que levava aquele que as viveu às lágrimas. Essa é uma história comum de violência e solidariedade na Amazônia que retrata a experiência de um menino frente às complexidades de um imaginário urbano, vivido na potência das imagens subterrâneas ou não, mas voltadas à vida cidadina com seus dilemas colocados entre a construção e a ruína das formas sociais, dadas no ato de viver o lugar a fim de se enraizar nele, ou mesmo, de se evadir e encontrar outro local.

A trajetória de vida do jovem Irineu, evidenciada pelas escolhas que o menino criou para si, por certo, marcou a maturidade do homem que se tornaria. As experiências vividas e os itinerários que estabeleceu revelam uma das tantas possibilidades na dinâmica de deslocamento da zona rural para o espaço urbano amazônicos, posto que suas deambulações pelo mundo citadino belemense até chegar à Icoaraci denunciam as tensões do universo social e econômico da Belém da primeira metade do século XX.

Diante do “campo de possibilidades” (VELHO, 1994) que se apresenta à criança, é traçado o seu itinerário no mundo urbano diante das escolhas que vai realizando ao longo de seu percurso: a fuga para o mato¹⁰ ante a experiência violenta junto ao pai e, por desdobramento, do interior amazônico; a deriva no

navio e as privações a ela associadas até a descoberta pela tripulação, mesclando condescendência e solidariedade por parte do capitão; a chegada a Belém e a violência urbana transfigurada na imagem da “escravatura”; a fuga novamente, criando outros arranjos sociais diante de sua deriva – o bonde, a estação de trem, o caminhar a esmo (todos refletindo imagens de deslocamento) –, a experiência com o universo fantástico dada na interação com seres sobrenaturais (o fantasma da mãe, da senhora negra) ou a possibilidade de ter sido acompanhado por Nossa Senhora de Nazaré (a “aparição”), o estabelecimento temporário na barraca com a família de negros, o trabalho como oleiro e a constituição de uma família em Mosqueiro, a chegada em Icoaraci e a sedentarização definitiva naquele contexto urbano.

Neste momento é importante ressaltarmos o fato de que o “campo de possibilidades” oferecido ao menino nem sempre se configura em “projetos” (VELHO, 1987) os quais poderíamos chamar de consistentes. Por esta razão, ele vive a experiência de deriva numa fuga quase que constante, lançando-o numa espécie de desordem criativa, vivenciada numa dinâmica e velocidades singulares em palmilhar o espaço urbano. Sendo assim, os micro-eventos emergem das complexas interações sociais que ele estabelece e que o levam, a partir daí, a criar estratégias para vivê-las ou driblá-las em seus devires pela cidade.

Essa vivência está imersa nos signos urbanos de modernidade (o bonde, o trem, a estação de São Braz, a Praça Batista Campos, a agitação da urbe com as idas e vindas de pessoas do interior e do Nordeste, a Pará-Elétrica) e de tradição (o tabuleiro de tapioca, a rede de dormir, a retirada de lenha). A criança, nestes termos, vive mais do que projeta, pelo menos até chegar à morada da família que o acolhe por intermédio das figuras fantásticas das mulheres – que, de alguma forma, simbolizam a mestiçagem étnico-cultural belemense –, as quais o fazem fixar-se temporariamente num local.

Assim, o ato de fala de seu Manoel constitui um processo criativo do gênio humano capaz de lidar com a memória e estabelecer uma tessitura narrativa a fim de configurar uma intriga (RICOEUR, 1994). O personagem,

por meio de seu percurso no mundo, vivencia as tensões e vicissitudes sociais presentes nas paisagens da Belém de outrora, evidenciando as fronteiras culturais que engendram assimetrias e novos arranjos comunitários relacionados à deriva dos sujeitos na Amazônia.

O caráter fantástico da experiência do menino ante a dimensão do feminino e sua potência arquetípica e sensível, articula a imagem da “mãe” e da “virgem” (DURAND 1989; 1995; 1997), trazendo à tona, neste caso, a figura desestabilizadora da visagem (o *mirabilis*) e a redentora da aparição (o *miraculum*), para seguirmos as distinções apontadas por Le Goff (1986). Ambas, portanto, representam a consubstanciação de um “mundo *imaginalis*” amazônico que carrega um conjunto de imagens arquetípicas que falam da vida vivida das populações paraenses.

A experiência do menino alegoriza a vivência de outros sujeitos no contexto paraense. O jovem Irineu, por meio da narrativa de seu Manoel, aponta para uma dimensão microscópica da história da metrópole paraense, ou ainda, para aquilo que seria uma transfiguração da história pelo mito. Neste caso, não seria o mito como potência de progresso da urbe, mas como dimensão pontual da experiência (inter)subjéctiva do sujeito que cria estratégias neste mundo, para lidar com a opressão e a violência cotidianas e ressignificá-las (SAHLINS, 1990).

Essas mazelas são passíveis de ser contadas pelo narrador de histórias – essa figura benjaminiana, consubstanciada na pessoa de seu Manoel –, evidenciando assim os horrores e alegrias vividas pelo Outro, cuja mitologia pessoal desvela a imagem do herói em sua luta constante por manter-se íntegro num mundo corrupto, mas nem por isso, menos belo e solidário.

A cidade de Belém, portanto, é o *locus* onde constelam e enxameiam um conjunto de imagens e representações que colocam em contato, por um lado, o caráter misterioso e fantástico do imaginário e, por outro, a possibilidade de lidar com àquelas facetas ideológicas presentes nas imagens, ligadas às assimetrias entre classes e grupos étnicos na Belém de outrora, mas que perduram na urbe contemporânea.

Uma narrativa como a de seu Manoel revela a saga de um sujeito no mundo urbano amazônico que, ao abandonar o seu lugar de origem, se lança em uma experiência de aventura e de deriva pelo desconhecido. A partir daí, as estratégias de fuga instauram uma nova ordem nas coisas, restituindo simbolicamente a experiência mítica de fundação de um novo mundo pelo pequeno herói, vivida na busca de um vínculo simbólico-afetivo com o espaço citadino. Neste sentido, o projeto que então se configura seria aquele da busca pelo novo – o dínamo da aventura e da modernidade –, de forma a constituir um lugar de pertença na cidade e, assim, construir uma vida digna e com segurança, envolvendo aquilo que poderíamos chamar de cidadania. Mescla de utopia cabocla e vontade de se lançar no mundo citadino com suas belezas, horrores e fantasmagorias.

As visagens e assombrações emergem nas paisagens urbanas icoaracienses como uma dimensão de sua fantástica, que perdura no tempo por intermédio do esforço dos seus moradores de lembrá-las e narrá-las, apesar das transformações decorrentes de um processo de urbanização que modificou as formas tradicionais de vida no lugar de pertença dessas pessoas, fazendo com que tais imagens terríficas “desaparecessem” das paisagens.

Os narradores, portanto, compreendem as transformações das paisagens locais, mediante a comparação da situação presente de tais “espaços praticados” ante as imagens dos mesmos, num passado nem tão distante, avaliando sensivelmente as modificações ocorridas, as quais estariam acompanhadas de certo “esvaziamento” da potência subterrânea das imagens, sem que necessariamente desapareçam. Assim, reconstituem aspectos importantes da memória coletiva dos seus moradores, trazendo à tona dramas sociais e dilemas da vida em sociedade, revelando tensões e solidariedades no viver amazônico.

O que fica evidente é que as visagens indicam a presença de um imaginário sutil aderido aos lugares de pertencimento que animam a vida social icoaraciense, estabelecendo certos interditos ligados a lugares-mito, ao mesmo tempo em que deixam claro, os laços sociais que solidarizam os moradores, sem

deixar de metaforizar, pela via do terror, as expressões do medo e incertezas vividas pelas opressões sociais e econômicas que tais pessoas experimentam diante das assimetrias colocadas no mundo urbano contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações que ocorreram no cenário urbano de Icoaraci a partir do final da primeira metade do século XX, ao serem trazidas à tona mediante as narrativas de moradores do Distrito que presenciaram as ações modificadoras das paisagens, revelam que a memória coletiva – enquanto uma dimensão sensível do gênio humano em lidar com o tempo, considerando as suas implicações junto ao espaço – pode evidenciar alterações significativas nas visões de mundo dos grupos sociais que estão presentes num determinado lugar praticado.

Portanto, as modificações colocadas em prática nos lugares de pertença resultam em desdobramentos complexos nas formas de viver o espaço pelas pessoas que o praticam, uma vez que determinadas pressões ligadas ao avanço de medidas ordenadoras do mundo urbano terminam por fragmentar os vínculos simbólico-afetivos com os lugares. No entanto, não se trata de mera perversão dos espaços vividos por forças coercitivas ligadas ao capital. Ao engendram formas diferenciadas de viver o lugar, tais forças instauram novos vínculos com os mesmos, cuja simbólica não deixa de estar atrelada às dimensões afetivas e de pertencimento, evocadas pelo “trabalho da memória” dos antigos narradores.

As memórias dos tempos de outrora trazidas pelas narrativas dos moradores do Distrito, apontam para o fato de que as paisagens icoaracienses detinham certas características que as identificavam com expressões culturais próprias do contexto urbano local. As paisagens, ao sofrerem a influência das mudanças ocasionadas pela *Belle Époque* – entendida como um signo de modernização e opulência das classes abastadas –, tenderam, mais tarde, a se

desdobrar nos processos de urbanização e revalorização turístico-patrimonial, vividos pelo distrito na contemporaneidade.

Ao mesmo tempo em que o fenômeno urbano se concretizava como um fato civilizacional, uma forte presença de formas de vida rural, associadas à experiência cultural cabocla no mundo amazônico paraense, conviviam com o processo, demonstrando, assim, que as tensões entre modernização e tradição constituem aspectos da vida social naquele contexto, revelando a dinâmica entre perdurância e finitude das formas – sociais e arquitetônicas, entre outras – no mundo urbano belemense.

NOTAS

¹ A “Fazenda Pinheiro” transformou-se em um “povoado” denominado “Santa Izabel, passando sua área a ser demarcada para definição de lotes e logradouros, que, em seguida, serem aforados”. A partir de então, “o povoado ganhou um novo nome: São João Batista, sendo construída a capela do mesmo nome. E em 1895, foi transformado em vila, e só então voltou a ser chamado de Pinheiro”. A partir de 1938, “foram definidos os limites interdistritais de Pinheiro [...] Em 30 de dezembro de 1943 [...] foi fixada a divisão administrativa e judiciária do Estado, pela qual a então Vila de Pinheiro passou a ser chamada Icoaraci” (FIGUEIREDO; TAVARES, 2006, p. 28-30).

² De acordo com Figueiredo e Tavares (2006, p. 30), o unidade distrital de Icoaraci apresenta “o mesmo modelo dos núcleos coloniais da Região Bragantina”, pois está “composta de quarteirões regulares, ruas e travessas largas repletas de mangueiras [...] Surgem suas primeiras ruas, a partir da execução da lei provincial nº 598, de 8 de outubro de 1869”.

³ É um tipo de sistema de medida utilizado para preencher uma embarcação de mercadorias.

⁴ Para uma reflexão sobre as imagens relacionadas à mística presente na figura do sapateiro, ver Durand (1995).

⁵ Tais questões não podem ser aprofundadas no âmbito deste artigo, necessitando de maiores reflexões em outro momento. Nesta pesquisa, apenas indicamos tal convergência de imagens e representações presentes no universo fantástico brasileiro.

⁶ O lobisomem, que na região missioneira do Rio Grande do Sul apresenta-se como um cachorro avermelhado, no contexto de Icoaraci revela-se como um porco ou cavalo. Em trabalhos de campo em São Luis (MA), um dos autores ouviu histórias de homens que se transformam em porco.

⁷ No que tange à região das Missões sul-riograndenses, o lobisomem deve retornar até a morada daquele Ihe prometeu um punhado ou quilo de sal.

⁸ Em conversas com alguns moradores do bairro da Cidade Velha pudemos perceber que há uma constante referência ao fato de que é preciso temer os assaltantes e não as visagens, ou seja, é preciso temer os vivos muito mais do que os mortos.

⁹ Seu Jorge estabelece uma distinção entre as imagens evocadas pela experiência emocional junto às “visagens” que, no seu entendimento, seriam seres e espíritos que prejudicam os vivos – “que bota o outro pra correr” – e aquelas relacionadas às “aparições”, tratando-se de espíritos que não fazem mal às pessoas.

¹⁰ A imagem da fuga é um arquétipo poderoso como aponta Maffesoli (2001), assim como Canevacci (1996), quando reflete acerca da “fuga para o mato” pelos índios e negros diante da opressão do colonizador, como uma experiência que engendra um mundo novo na experiência sul-americana.

REFERÊNCIAS

- CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: StudioNobel, 1996. v. 2.
- CERTEAU, Michel de et al. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. v. 2.
- DAOU, Ana M. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- _____. *A fê do sapateiro*. Brasília: Editora da UnB, 1995.
- _____. *Imagens e reflexos: imaginário português*. Lisboa: Hugin, 1997.
- FIGUEIREDO, Napoleão A.; VERGOLINO, Anaíza. *Festas de santos e encantados*. Belém: Gráfica Falangola, 1972.
- FIGUEIREDO, Sívio L.; TAVARES, Auda P. *Mestres da cultura*. Belém: EDUFPA, 2006.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1976.
- LE GOFF, Jacques. *Lo maravilloso y lo cotidiano en el occidente medieval*. Barcelona: Gedisa, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MAUÉS, Raymundo H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesástico*. Belém: Cejup, 1995.
- _____. *Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: Cejup, 1999.
- MONTEIRO, Walcyr. *Visagens e assombrações de Belém*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus, 1994. v. 1-3.
- ROCHA, Ana L. C. da; ECKERT, Cornelia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- SAHLINS, Marshall. *Ilbas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- SARGES, Maria de N. Belém. *Riquezas produzindo a Belle-Epoque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SILVEIRA, Flávio L. A. da. *As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens: estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- SIMÕES, Maria do S.; GOLDER, Cristophe. *Belém conta...* Belém: Cejup; UFPA, 1995.
- _____. *Abaetetuba conta...* Belém: UFPA, 1995.
- _____. *Santarém conta...* Belém: UFPA, 1995.
- TAVARES, Auda E. P. Turismo sustentável e qualidade de vida dos produtores de cerâmica em Icoaraci. In: FIGUEIREDO, Sílvio L. (Org.). *O Ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia*. Belém: UFPA/NAEA, 1999, p. 205-224.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAUDRILLARD, Jean. Modernité. In: *Encyclopaedia Universalis*. Paris, 1985. v. 12. p. 424-26.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVEZ, M. Brocéliande et ses paysages légendaires. *Ethnologie Française*, v. 19, n. 3, 1989, p. 215-226.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. v. 1.
- DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife Velho*. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. *O poder dos espaços de representação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- ROCHA, Ana L. C. da; ECKERT, Cornelia. Os jogos da memória. *Ilba*, Florianópolis, n. 1, 2000, p. 71-84.
- SANSOT, Pierre. Pour une esthétique des paysages ordinaires. *Ethnologie Française*, v. 19, n. 3, 1989, p. 239-243.
- _____. *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck, 1983.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia: estudos sobre las formas de socialización*. Madrid: Revista de Occidente, 1977.
- _____. *Sociologia*. Organização de Evaristo Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. A ponte e a porta. *Política & Trabalho*. João Pessoa: UFPba, 1996, n. 12, p. 10-14.
- _____. A Filosofia da paisagem. *Política & Trabalho*. João Pessoa, UFPba, 1996, n. 12, p. 15-24.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.